

**Programa de Pós-Graduação em Educação  
Universidade do Estado do Mato Grosso  
Cáceres - Mato Grosso - Brasil**

Revista da Faculdade de Educação - Vol. 42, (Jan/Dez) de 2026  
ISSN: 2178-7476



## **O AUDIOVISUAL COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA: GINÁSTICA, GÊNERO E RAÇA A PARTIR DE SIMONE BILES**

### **AUDIOVISUAL MEDIA AS A PEDAGOGICAL TOOL IN PHYSICAL EDUCATION: GYMNASTICS, GENDER, AND RACE THROUGH SIMONE BILES**

### **EL AUDIOVISUAL COMO HERRAMIENTA PEDAGÓGICA EN LA EDUCACIÓN FÍSICA: GIMNASIA, GÉNERO Y RAZA A PARTIR DE SIMONE BILES**

**Adão Rodrigues de Sousa**

Universidade Federal de Mato Grosso - Cuiabá, MT – Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-7348-5876>

[adao.sousa@sou.ufmt.br](mailto:adao.sousa@sou.ufmt.br)

#### **Resumo**

A ginástica, enquanto conteúdo da Educação Física, é historicamente atravessada por estereótipos de gênero e raça que produzem hierarquias corporais e limitam experiências educativas no contexto escolar. No cenário contemporâneo, o audiovisual emerge como um potente dispositivo pedagógico, capaz de tensionar discursos naturalizados e ampliar as possibilidades de abordagem crítica das práticas corporais. Diante disso, este estudo problematiza como as narrativas audiovisuais sobre a ginástica de alto rendimento podem contribuir para a reflexão sobre gênero e raça na Educação Física escolar. O objetivo foi analisar as potencialidades pedagógicas da série documental *O Retorno de Simone Biles* para o ensino da ginástica, a partir de uma perspectiva crítica e interseccional. Como elementos teóricos fundamentamo-nos nos estudos da Educação Física cultural, nas pedagogias culturais e nos aportes teóricos de gênero, raça e interseccionalidade. Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, utilizando a etnografia de tela como estratégia de análise do audiovisual, compreendido como um texto cultural produtor de sentidos. A análise evidenciou que a série tensiona discursos hegemônicos ao explicitar as pressões impostas aos corpos femininos e negros, bem como ao abordar a saúde mental no esporte. Conclui-se que o audiovisual, quando mediado criticamente, constitui-se como uma ferramenta potente para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas, reflexivas e comprometidas com a justiça social na Educação Física escolar.

**Palavras-chave:** Educação Física; Ginástica; Audiovisual; Gênero e raça.

#### **Abstract**

Gymnastics, as a content area of Physical Education, has historically been shaped by gender and race stereotypes that produce bodily hierarchies and limit educational experiences in the school context. In the contemporary scenario, audiovisual media emerges as a powerful pedagogical device, capable of challenging naturalized discourses and expanding the possibilities for a critical approach to bodily practices. In this regard, this study problematizes how audiovisual narratives about high-performance gymnastics can contribute to reflections on gender and race in school Physical Education. The objective was to analyze the pedagogical

potential of the documentary series *Simone Biles: The Return* for the teaching of gymnastics, from a critical and intersectional perspective. The theoretical framework is grounded in Cultural Physical Education studies, cultural pedagogies, and theoretical contributions on gender, race, and intersectionality. Methodologically, the research adopts a qualitative approach, using screen ethnography as a strategy for analyzing audiovisual material, understood as a cultural text that produces meanings. The analysis revealed that the series challenges hegemonic discourses by exposing the pressures imposed on female and Black bodies, as well as by addressing mental health in sports. It is concluded that audiovisual media, when critically mediated, constitutes a powerful tool for the development of more inclusive, reflective, and socially just pedagogical practices in school Physical Education.

**Keywords:** Physical Education; Gymnastics; Audiovisual Media; Gender and race.

## Resumen

La gimnasia, como contenido de la Educación Física, ha estado históricamente atravesada por estereotipos de género y raza que producen jerarquías corporales y limitan las experiencias educativas en el contexto escolar. En el escenario contemporáneo, el audiovisual emerge como un potente dispositivo pedagógico, capaz de tensionar discursos naturalizados y ampliar las posibilidades de un abordaje crítico de las prácticas corporales. En este sentido, el presente estudio problematiza cómo las narrativas audiovisuales sobre la gimnasia de alto rendimiento pueden contribuir a la reflexión sobre género y raza en la Educación Física escolar. El objetivo fue analizar las potencialidades pedagógicas de la serie documental *El regreso de Simone Biles* para la enseñanza de la gimnasia, desde una perspectiva crítica e interseccional. Como fundamentos teóricos, se recurre a los estudios de la Educación Física cultural, a las pedagogías culturales y a los aportes teóricos sobre género, raza e interseccionalidad. Metodológicamente, la investigación adopta un enfoque cualitativo, utilizando la etnografía de pantalla como estrategia de análisis del audiovisual, entendido como un texto cultural productor de sentidos. El análisis evidenció que la serie tensiona discursos hegemónicos al explicitar las presiones impuestas a los cuerpos femeninos y negros, así como al abordar la salud mental en el deporte. Se concluye que el audiovisual, cuando es mediado críticamente, se constituye como una herramienta potente para la construcción de prácticas pedagógicas más inclusivas, reflexivas y comprometidas con la justicia social en la Educación Física escolar.

**Palabras clave:** Educación Física; Gimnasia; Audiovisual; Género y raza.

## 1 Introdução

A ginástica ocupa um lugar singular no campo da Educação Física, sendo historicamente constituída a partir de valores como leveza, delicadeza, disciplina e controle corporal. Tais atributos contribuíram para a consolidação de uma construção simbólica que associa essa prática esportiva à feminilidade, produzindo estereótipos que delimitam não apenas quem pode ou não praticá-la, mas também os sentidos socialmente atribuídos aos corpos que nela se inserem (Boaventura, 2016; Corat; Almeida, 2012; Boaventura; Vaz, 2013). No contexto escolar, essas representações reverberam de modo significativo na organização curricular, nas práticas pedagógicas e nas experiências vivenciadas por estudantes, especialmente no que concerne às expectativas de gênero que atravessam o ensino da ginástica nas aulas de Educação Física.

Neste trabalho, em particular, trataremos da ginástica artística, esporte individual que, no feminino, é disputado em quatro provas: salto sobre a mesa, paralelas assimétricas, trave e solo. Enquanto no masculino são seis provas, solo, cavalo, argolas, salto sobre a mesa, paralelas simétricas e barra fixa (Nunomura; Pires; Carrara, 2009).

Quando essas questões são atravessadas pelos marcadores raciais, emergem camadas adicionais de desigualdade e exclusão. Corpos negros, em especial os corpos de mulheres negras,

enfrentam processos recorrentes de vigilância, deslegitimação e preconceito, mesmo quando alcançam níveis elevados de excelência esportiva. No esporte de alto rendimento, tais dinâmicas revelam como gênero e raça operam de forma interseccional na produção de sentidos sobre o corpo, o desempenho, a saúde mental e o reconhecimento público (Mattos, 2024; Januário; Goellner; Vimieiro, 2025). A trajetória da ginasta estadunidense Simone Biles, amplamente divulgada em produções audiovisuais contemporâneas, torna visíveis essas tensões ao evidenciar como a excelência técnica convive com experiências de racismo, sexismo e cobranças excessivas, desafiando narrativas hegemônicas sobre sucesso e superação no esporte.

Nesse cenário, o audiovisual emerge como um potente dispositivo pedagógico e cultural, capaz de tensionar discursos naturalizados e provocar deslocamentos críticos no ensino da Educação Física. Ao articular imagens, narrativas, afetos e silenciamentos, produções audiovisuais não apenas representam a realidade, mas também educam olhares, corpos e sensibilidades. Assim, ao tomar a série documental sobre Simone Biles como objeto de análise, este estudo propõe compreender como as narrativas audiovisuais podem contribuir para problematizar estereótipos de gênero e raça associados à ginástica, ampliando as possibilidades pedagógicas de abordagem desse conteúdo nas aulas de Educação Física escolar e fortalecendo práticas comprometidas com uma educação crítica, inclusiva e igualitária.

## **2 Referencial teórico**

A ginástica, enquanto conteúdo da Educação Física, não pode ser compreendida apenas como um conjunto de técnicas corporais ou modalidades esportivas institucionalizadas. Trata-se de uma prática historicamente situada, atravessada por disputas simbólicas, culturais e políticas que produzem sentidos sobre os corpos, os movimentos e os sujeitos que a praticam. Desde sua consolidação nos sistemas ginásticos europeus do século XIX, a ginástica esteve vinculada a ideais de disciplina, racionalidade e controle corporal, sendo progressivamente apropriada por discursos que a associaram à delicadeza, à leveza e à estética do movimento, atributos socialmente relacionados ao feminino (Soares, 2022; Goellner, 2010).

Essa associação contribuiu para a feminilização da ginástica e para a naturalização de estereótipos de gênero no interior da Educação Física, tanto no esporte de alto rendimento quanto no contexto escolar. As práticas corporais não são neutras, pois operam como pedagogias culturais que ensinam modos específicos de ser homem e de ser mulher. Nesse sentido, a ginástica passou a ser representada como uma prática “adequada” aos corpos femininos, enquanto outras modalidades, marcadas pela força, contato e agressividade, foram historicamente associadas à masculinidade (Goellner, 2010; Lima, 2025). Tal divisão reforça hierarquias de gênero e limita as experiências corporais possíveis para estudantes no ambiente escolar.

No espaço da escola, essas construções simbólicas se materializam na organização curricular,

nas expectativas docentes e nas formas de participação dos alunos e alunas nas aulas de Educação Física. Estudos indicam que a ginástica, quando presente no currículo escolar, muitas vezes é trabalhada de forma estereotipada, reforçando padrões corporais normativos e excluindo sujeitos que não se reconhecem ou não se encaixam nesses modelos (Darido; Rangel, 2011; Britto, 2025). Assim, a prática pedagógica tende a reproduzir desigualdades sociais mais amplas, em vez de questioná-las.

A compreensão do gênero como uma construção social e histórica é central para problematizar esses processos. O gênero constitui uma categoria analítica fundamental para compreender como as diferenças entre homens e mulheres são produzidas e hierarquizadas socialmente (Scott, 1995; Rago, 1998). No campo da Educação Física, essa perspectiva permite analisar como determinadas práticas corporais são generificadas, produzindo inclusões e exclusões que afetam diretamente a formação dos sujeitos. Os corpos são constantemente educados por meio de discursos, normas e representações que definem o que é considerado aceitável, belo ou adequado (Louro, 2018; Furtado, 2012).

Desse modo, pensar a ginástica a partir de uma perspectiva crítica implica reconhecê-la como um espaço de disputa de sentidos sobre o corpo, o gênero e a identidade. Tal abordagem abre caminho para questionar naturalizações historicamente construídas e para propor práticas pedagógicas que ampliem as possibilidades de participação e reconhecimento na Educação Física escolar. Essa problematização torna-se ainda mais complexa e necessária quando articulada a outros marcadores sociais da diferença, como a raça, aspecto que será aprofundado na próxima seção.

### **3 Raça, interseccionalidade e corpos negros no esporte e na ginástica**

A análise da ginástica a partir das relações de gênero torna-se insuficiente quando desconsidera os atravessamentos raciais que produzem desigualdades específicas no campo esportivo. A raça, compreendida como uma construção social e histórica, opera como um marcador fundamental na produção de hierarquias corporais, definindo quais corpos são legitimados, celebrados ou, ao contrário, constantemente vigiados e questionados. No esporte, e de modo particular na ginástica, essas hierarquias se expressam na valorização de padrões corporais eurocentrados, associados à branquitude, à leveza e à estética normativa do movimento (Hall, 2003; Goellner, 2016).

Corpos negros, sobretudo os de mulheres negras, historicamente ocupam posições de subalternidade simbólica nesse cenário. Mesmo quando alcançam elevado desempenho técnico, esses corpos são frequentemente interpretados a partir de discursos que os associam à força “excessiva”, à animalização ou à suposta inadequação estética, o que evidencia a persistência do racismo estrutural no esporte (Almeida, 2019). Tais narrativas reforçam estigmas e produzem processos de deslegitimação que extrapolam o rendimento esportivo, atingindo a subjetividade, a saúde mental e as possibilidades de reconhecimento social das atletas.

A perspectiva da interseccionalidade oferece importantes contribuições para compreender essas dinâmicas. Segundo Crenshaw (2002), gênero, raça e classe não operam de forma isolada, mas se articulam na produção de experiências específicas de opressão e privilégio. No caso da ginástica, a mulher negra vivencia simultaneamente os efeitos da feminilização da modalidade e do racismo, ocupando um lugar marcado por múltiplas tensões. Essa articulação revela como determinadas atletas são submetidas a padrões mais rígidos de controle corporal e comportamental, além de julgamentos constantes sobre sua legitimidade no espaço esportivo.

No contexto educacional, essas questões assumem especial relevância. A Educação Física escolar, ao lidar diretamente com os corpos e suas expressões, pode tanto reproduzir quanto tensionar desigualdades raciais historicamente construídas. Conforme apontam Neira e Nunes (2009), o currículo constitui um espaço privilegiado de disputa cultural, no qual determinados saberes e representações são legitimados em detrimento de outros. Quando as práticas corporais são ensinadas sem problematizar os marcadores raciais, corre-se o risco de reforçar estereótipos e silenciamentos que marginalizam corpos negros.

A presença de referências negras no esporte, especialmente em modalidades historicamente associadas à branquitude, possui um potente caráter pedagógico. Ao tornar visíveis trajetórias como a de Simone Biles, é possível desestabilizar narrativas hegemônicas e ampliar os repertórios simbólicos disponíveis para estudantes negros e não negros. Nesse sentido, Gomes (2017) destaca a importância de uma educação antirracista que reconheça o corpo negro como produtor de cultura, conhecimento e excelência, rompendo com lógicas excludentes que ainda permeiam as práticas escolares.

Assim, compreender a ginástica a partir de uma perspectiva racializada e interseccional tanto contribui para a análise crítica do esporte de alto rendimento, como também oferece subsídios teóricos para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas e comprometidas com a justiça social na Educação Física escolar. Na próxima seção, serão discutidas as contribuições do audiovisual, da etnografia de tela e das pedagogias culturais como ferramentas analíticas e pedagógicas para tensionar esses discursos no contexto escolar.

#### **4 Audiovisual, etnografia de tela e pedagogias culturais na Educação Física**

A crescente presença do audiovisual na vida cotidiana tem ampliado significativamente seu papel como instância formadora de subjetividades, valores e modos de compreender o mundo. Filmes, séries e documentários não apenas entretêm, mas também produzem discursos, constroem identidades e educam sensibilidades, atuando como verdadeiras pedagogias culturais (Giroux, 2023; Kellner, 2001). Nesse sentido, o audiovisual pode ser compreendido como um potente dispositivo pedagógico, capaz de mobilizar afetos, provocar reflexões críticas e tensionar narrativas hegemônicas no contexto educacional, incluindo o ensino da Educação Física.

As pedagogias culturais partem do pressuposto de que os processos educativos extrapolam os limites da escola e dos currículos formais, ocorrendo também por meio das mídias, das práticas culturais e das representações sociais. Para Giroux (2023), tais pedagogias ensinam modos de ver, sentir e interpretar os corpos, as diferenças e as relações de poder, influenciando diretamente a forma como estudantes constroem suas percepções sobre gênero, raça e identidade. Assim, ao incorporar o audiovisual às práticas pedagógicas, o professor de Educação Física pode criar condições para que essas narrativas sejam analisadas criticamente, e não apenas consumidas de maneira acrítica.

No campo metodológico, a etnografia de tela apresenta-se como uma abordagem fecunda para a análise de produções audiovisuais. Segundo Rial (2004) e Rocha e Eckert (2013), essa perspectiva compreende o audiovisual como um texto cultural complexo, no qual imagens, sons, discursos e silenciamentos produzem sentidos sobre a realidade social. Diferentemente de uma leitura meramente descritiva, a etnografia de tela busca interpretar como determinados corpos, práticas e identidades são representados, quais narrativas são privilegiadas e quais são marginalizadas ou invisibilizadas.

Aplicada ao campo da Educação Física, essa abordagem permite analisar como o esporte e as práticas corporais são construídos midiaticamente, revelando disputas simbólicas relacionadas ao corpo, ao desempenho e à diferença. No caso da ginástica, a análise etnográfica do audiovisual possibilita compreender como gênero e raça são articulados na produção de narrativas sobre excelência, disciplina, sofrimento e superação, evidenciando tanto reforços quanto rupturas em relação aos estereótipos historicamente consolidados.

Além disso, o uso pedagógico do audiovisual nas aulas de Educação Física contribui para ampliar as possibilidades metodológicas e didáticas do ensino da ginástica. A mídia pode funcionar como um recurso crítico capaz de aproximar os conteúdos escolares das experiências culturais dos estudantes, favorecendo o diálogo, a problematização e a construção de aprendizagens significativas (Neira, 2011; Betti, 2010; Camilo; Betti, 2010). Assim, ao trabalhar com séries documentais, o professor pode promover debates sobre corpo, gênero, raça e saúde mental, articulando o conteúdo técnico da ginástica a questões sociais contemporâneas.

Dessa forma, a série documental sobre Simone Biles, ao evidenciar conflitos, silenciamentos e resistências vivenciados por uma atleta negra em uma modalidade historicamente feminilizada e marcada por padrões eurocêntricos, configura-se como um material pedagógico potente. Sua utilização em contextos escolares, mediada por uma abordagem crítica, permite tensionar discursos naturalizados e contribuir para a construção de uma Educação Física comprometida com a diversidade, a equidade e a justiça social.

## 5 Aspectos Metodológicos

A presente investigação insere-se no campo da pesquisa qualitativa, assumindo uma perspectiva interpretativa e compreensiva, na medida em que busca analisar os sentidos produzidos por narrativas audiovisuais e suas possíveis implicações pedagógicas para o ensino da Educação Física escolar. A abordagem qualitativa mostra-se adequada por possibilitar a análise aprofundada de fenômenos sociais e culturais, considerando seus significados, contextos e complexidades, em vez de priorizar a mensuração de dados (Minayo, 2014; Denzin; Lincoln, 2018).

Como abordagem metodológica, adota-se a etnografia de tela, perspectiva analítica que compreende o audiovisual como um artefato cultural dotado de intencionalidades, discursos e pedagogias próprias. De acordo com Rial (2004), a etnografia em tela permite investigar como imagens, sons, enquadramentos e narrativas constroem representações sociais, educando olhares e sensibilidades. Nessa mesma direção, Rocha e Eckert (2013) afirmam que o audiovisual deve ser analisado para além de seu conteúdo explícito, considerando também os silenciamentos, as escolhas estéticas e os modos de narrar que produzem sentidos sobre a realidade social.

O *corpus* analítico da pesquisa é constituído pela série documental sobre a ginasta estadunidense Simone Biles, dirigido por Katie Walsh e disponibilizada na plataforma de *streaming* Netflix. Dividida em duas partes, totalizando 4 episódios tem duração média de 45 a 55 minutos cada. A escolha desse material justifica-se por sua ampla circulação midiática e por abordar, de forma direta, temáticas centrais para este estudo, tais como a ginástica de alto rendimento, as relações de gênero, o racismo estrutural no esporte, as pressões institucionais e as questões relacionadas à saúde mental. A série é compreendida como um texto cultural (Giroux, 2023; Kellner, 2001), capaz de produzir discursos e subjetividades que atravessam o campo educacional.

Os procedimentos de análise envolveram a visualização sistemática e reiterada dos episódios que compõem a série, acompanhada da elaboração de registros descritivos e analíticos. A análise centrou-se na articulação entre imagens, falas, trilha sonora, enquadramentos, escolhas narrativas e ausências discursivas, buscando identificar recorrências, tensões e deslocamentos nos modos de representar o corpo, a performance, o gênero e a raça. Esses procedimentos dialogam com propostas metodológicas da análise qualitativa de materiais audiovisuais, que defendem uma leitura atenta e contextualizada das produções midiáticas (Rose, 2016).

A interpretação dos dados foi realizada à luz do referencial teórico da Educação Física, dos estudos da ginástica, das pedagogias culturais e dos estudos de gênero e raça, estabelecendo interlocuções entre esses campos. Conforme apontam Neira e Nunes (2009), o currículo e as práticas pedagógicas constituem espaços de disputa cultural, nos quais os discursos midiáticos podem tanto reforçar quanto tensionar estereótipos socialmente construídos. Nesse sentido, a análise buscou evidenciar as potencialidades pedagógicas do audiovisual como ferramenta crítica nas aulas de

---

Educação Física, especialmente no ensino da ginástica, contribuindo para a construção de práticas educativas comprometidas com a diversidade, a equidade e a justiça social.

## 6 Análise e discussão

A análise da série documental *O Retorno de Simone Biles* evidencia como o audiovisual constrói narrativas complexas sobre a ginástica de alto rendimento, articulando corpo, performance, gênero, raça e saúde mental. Longe de apresentar apenas uma história de sucesso esportivo, a produção tensiona discursos historicamente naturalizados no campo da ginástica, ao revelar os custos físicos, emocionais e simbólicos impostos a corpos femininos e, de modo particular, a corpos negros em uma modalidade marcada por padrões eurocentrados de excelência e estética.

Um dos eixos centrais identificados na análise refere-se à produção de um corpo disciplinado e hipercontrolado, característica historicamente associada à ginástica. As imagens reiteram a exigência constante por perfeição técnica, precisão dos movimentos e controle emocional, elementos que dialogam com os estudos de Soares (2022) e Boaventura (2016), ao apontarem a ginástica como uma prática atravessada por ideais de racionalidade, disciplina e docilização dos corpos. No entanto, a narrativa audiovisual desloca esse discurso ao explicitar as fissuras desse modelo, especialmente quando Simone Biles interrompe sua participação em competições olímpicas para preservar sua saúde mental, rompendo com a lógica da performance a qualquer custo.

Esse deslocamento ganha maior densidade quando analisado a partir das relações de gênero. Embora a ginástica seja socialmente associada ao feminino, a série evidencia como essa feminilização não implica reconhecimento pleno, mas sim maior controle, vigilância e cobrança sobre os corpos das mulheres, especialmente no que diz respeito à conduta, à aparência e à expressão emocional. Conforme apontam Goellner (2010) e Scott (1995), as práticas corporais operam como pedagogias de gênero, ensinando modos específicos de ser mulher. No audiovisual, essa pedagogia aparece tensionada quando a atleta recusa o papel da mulher resiliente e silenciosa, expondo fragilidades e reivindicando o direito ao cuidado.

A análise também revela que essas cobranças não operam de forma homogênea, mas são atravessadas por marcadores raciais. A série explicita, ainda que de forma sutil, como o corpo negro de Simone Biles é constantemente submetido a processos de exotização, desconfiança e deslegitimação simbólica, mesmo diante de sua excelência esportiva. Tal representação dialoga com os estudos de Almeida (2019) e Gomes (2019), ao evidenciarem que o racismo estrutural se manifesta não apenas pela exclusão direta, mas também por meio de expectativas diferenciadas e leituras estigmatizadas sobre corpos negros no esporte.

Sob a perspectiva da interseccionalidade (Crenshaw, 2002), observa-se que gênero e raça se articulam na construção de um lugar ambíguo para Simone Biles: ao mesmo tempo celebrada

como símbolo de excelência, é constantemente pressionada a corresponder a padrões que não consideram suas experiências subjetivas, históricas e sociais. Essa ambiguidade torna-se um elemento potente para a reflexão pedagógica, pois evidencia como o reconhecimento no esporte não elimina desigualdades, mas frequentemente as reinscreve sob novas formas.

Do ponto de vista das pedagogias culturais, a série funciona como um artefato educativo que ensina modos de olhar para o corpo, o sofrimento e o sucesso. Conforme argumentam Giroux (2023) e Kellner (2001), os produtos midiáticos produzem sentidos e valores que atravessam o campo educacional. Nesse sentido, a narrativa audiovisual analisada contribui tanto para reforçar quanto para tensionar discursos hegemônicos. Se, por um lado, ainda opera com a lógica da espetacularização do alto rendimento, por outro, abre brechas para discutir temas historicamente silenciados na Educação Física, como saúde mental, racismo e desigualdade de gênero.

No contexto escolar, essas narrativas apresentam importantes potencialidades pedagógicas. Ao serem mediadas criticamente pelo professor, podem contribuir para ampliar o ensino da ginástica para além da reprodução técnica dos movimentos, favorecendo debates sobre corpo, identidade, diferença e justiça social. Tal perspectiva dialoga com Neira e Nunes (2009) e Betti (2010), ao defenderem uma Educação Física culturalmente orientada, capaz de problematizar os discursos midiáticos e transformá-los em objetos de reflexão e aprendizagem.

Assim, indica-se que o audiovisual, quando apropriado de forma crítica, pode se constituir como uma ferramenta potente para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas. A trajetória de Simone Biles, ao evidenciar resistências, silenciamentos e rupturas, possibilita tensionar estereótipos historicamente associados à ginástica, contribuindo para uma Educação Física escolar comprometida com a diversidade, a equidade e o reconhecimento das múltiplas experiências corporais.

## **7 Considerações Finais**

Este estudo teve como objetivo analisar as potencialidades do audiovisual como ferramenta pedagógica no ensino da Educação Física, tomando como referência a série documental *O Retorno de Simone Biles* e suas articulações com a ginástica, o gênero e a raça. A partir de uma abordagem qualitativa, fundamentada na etnografia de tela e no diálogo com os estudos de gênero, raça e pedagogias culturais, buscou-se compreender como as narrativas audiovisuais produzem sentidos sobre o corpo, a performance e as desigualdades no campo esportivo, bem como suas implicações para o contexto escolar.

Os resultados indicam que a série tensiona discursos historicamente naturalizados na ginástica, ao evidenciar as exigências extremas de controle corporal e emocional impostas às atletas, especialmente às mulheres. Ao tornar visíveis as fragilidades, os conflitos e as estratégias

de resistência de Simone Biles, o audiovisual rompe com a lógica da performance ininterrupta e da superação acrítica, abrindo espaço para a problematização da saúde mental no esporte, tema ainda pouco abordado nas aulas de Educação Física escolar.

Para além disso, a análise revelou que tais exigências não operam de forma neutra, mas são atravessadas por marcadores sociais da diferença, especialmente o gênero e a raça. A trajetória de Simone Biles evidencia como corpos negros femininos, mesmo quando alcançam níveis elevados de excelência esportiva, permanecem submetidos a processos de vigilância, deslegitimação simbólica e cobranças diferenciadas. Essa constatação reforça a importância de uma abordagem interseccional no ensino da Educação Física, capaz de compreender as desigualdades como construções históricas e sociais, e não como atributos individuais.

No âmbito pedagógico, o estudo aponta que o audiovisual, quando mediado por uma perspectiva crítica, configura-se como um recurso potente para ampliar o ensino da ginástica para além da dimensão técnica. A utilização de produções audiovisuais em sala de aula possibilita a problematização de estereótipos de gênero e raça, favorece o diálogo com as experiências culturais dos estudantes e contribui para a construção de práticas educativas mais inclusivas, sensíveis à diversidade e comprometidas com a justiça social. Nesse sentido, a Educação Física escolar assume um papel estratégico na formação de sujeitos críticos, capazes de questionar discursos midiáticos e reconhecer as múltiplas formas de expressão corporal.

Como limitações do estudo, destaca-se o fato de a análise concentrar-se em uma única produção audiovisual, o que não permite generalizações amplas sobre as representações do esporte na mídia. No entanto, essa escolha possibilitou uma análise aprofundada e contextualizada, coerente com os objetivos da pesquisa em questão. Assim, sugere-se que investigações futuras ampliem o *corpus* de análise, incorporando outras produções audiovisuais, modalidades esportivas e contextos educativos, bem como estudos empíricos que acompanhem a aplicação pedagógica desses materiais em aulas de Educação Física.

Por fim, conclui-se que o audiovisual, ao articular imagens, narrativas e afetos, constitui-se como um importante aliado na construção de uma Educação Física crítica e culturalmente orientada. Ao problematizar as relações entre ginástica, gênero e raça, o presente estudo busca contribuir para o fortalecimento de práticas pedagógicas que reconheçam os corpos em sua pluralidade, promovendo o respeito às diferenças e ampliando os horizontes formativos da Educação Física escolar.

## Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BETTI, Mauro. Imagens em avaliação: uma pesquisa-ação sobre o uso de matérias televisivas em aulas de educação física. **Educar em Revista**, p. 137-152, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/HmF85fCbYHRdbDbFtV7pM8H/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 05 jan. 2026.

BOAVENTURA, Patrícia Luiza Bremer. **Técnica, estética, educação: os usos do corpo na ginástica rítmica**. 2016. 445 f. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/175883>. Acesso em: 02 jan. 2026.

BOAVENTURA, Patrícia Luiza Bremer; VAZ, Alexandre Fernandez. Corpos Femininos em debate:(re) pensando as representações de gênero na Ginástica Rítmica. **Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero**, p. 1-11, 2013. Disponível em: [http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373338822\\_ARQUIVO\\_Boaventura\\_Vaz\\_FazendoGereno2013\\_versaofinal.pdf](http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373338822_ARQUIVO_Boaventura_Vaz_FazendoGereno2013_versaofinal.pdf). Acesso em: 03 jan. 2026.

BRITTO, Thyago Vinnicius Perez Rodrigues de. **A segregação de gênero nas aulas de educação física: alternativas educativas para a desconstrução**. 2025. 138f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2025. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11449/313563>. Acesso em: 05 jan. 2026.

CAMILO, Rodrigo; BETTI, Mauro. Multiplicação e convergência das mídias: desafios para a educação física escolar. **Motrivivência**, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/9f3e3815-df5c-4afc-9644-f82d753f0789>. Acesso em: 05 jan. 2026.

CORAT, Larissa; ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de. Análise da concepção de corpo na ginástica rítmica: um estudo dos manuais de 1932 a 1958. **Record: Revista de História do Esporte**, v. 5, n. 1, p. 1-26, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Record/article/view/710>. Acesso em: 02 jan. 2026.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171–188, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/jj/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?format=html&lan>. Acesso em: 02 jan. 2026.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2018.

GIROUX, Henry A. **Cultural politics and education: critical pedagogy in the age of multiculturalism**. 2 ed. New York: Bloomsbury, 2023.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de formação RBCE**, v. 1, n. 2, 2010. Disponível em: <http://oldarchive.rbceonline.org.br/index.php/cadernos/article/view/984>. Acesso em: 03 jan. 2026.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Jogos Olímpicos: a generificação de corpos performantes. **Revista USP**, n. 108, p. 29-38, 2016. Disponível em: [https://revistas.usp.br/revusp/pt\\_BR/article/view/118235](https://revistas.usp.br/revusp/pt_BR/article/view/118235). Acesso em: 03 jan. 2026.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JANUÁRIO, Soraya Maria Bernardino Barreto; GOELLNER, Silvana Vilodre; VIMIEIRO, Ana Carolina. (In) visibilidades e Dissidências no Esporte: Representações de Gênero em Jogo. **Revista Estudos Feministas**, v. 33, n. 2, p. e105353, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/jj/ref/a/CHHpt5FC6SBL3kD3QHj97Ry/?lang=pt>. Acesso em: 05 jan. 2026.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. Bauru: EDUSC, 2001.

LIMA, Karla Danielle Silveira. **Relações de gênero e sua potencial influência sobre a percepção dos alunos quanto à prática dos esportes**. 2025. 100 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em

Educação Física em Rede Nacional. Natal, RN, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/66663>. Acesso em: 03 jan. 2026.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

MATTOS, Luciana Botelho Monteiro. **O lugar do não lugar**: corpos dissonantes no esporte olímpico. 2024. 223 f. Tese (Doutorado em Políticas Públicas e Formação Humana) - Centro de Educação e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <https://www.bdttd.uerj.br:8443/handle/1/23454>. Acesso em: 05 jan. 2026.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física cultural**: por uma pedagogia da(s) diferença(s). São Paulo: CRV, 2016.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. **Educação Física, currículo e cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.

NUNOMURA, Myrian; PIRES, Fernanda Regina; CARRARA, Paulo. Análise do treinamento na ginástica artística brasileira. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 31, n. 1, 2009. Disponível em: <http://www.rbce.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/630>. Acesso em: 23 abr. 2026.

RAGO, Margareth. Descobrir historicamente o gênero. **Cadernos Pagu**, n. 11, p. 89-98, 1998. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634465>. Acesso em: 03 jan. 2026.

RIAL, Carmen. Antropologia e mídia: breve panorama das teorias de comunicação. **Antropologia em primeira mão**, v. 9, n. 74, p. 4-74, 2004. Disponível em: <https://apm.ufsc.br/files/2015/05/74.-carmen-midia.doc>. Acesso em: 05 jan. 2026.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. **Etnografia da duração**: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

ROSE, Gillian. **Visual methodologies**: an introduction to researching with visual materials. 4. ed. London: Sage, 2016.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/257862/000037108.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2026.

SOARES, Carmen Lúcia. **Imagens da educação no corpo**: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. 4 ed. Campinas: Autores Associados, 2022.

WALSH, Katie. **O Retorno de Simone Biles**. Produção: Religion of Sports, Netflix. Estados Unidos, 2024. Série documental (4 episódios). Disponível em: <https://www.netflix.com>. Acesso em: 5 jan. 2026.

Recebido em 19 de fevereiro de 2026

Aceito em 05 de maio de 2026

Publicado em 10 de junho de 2026